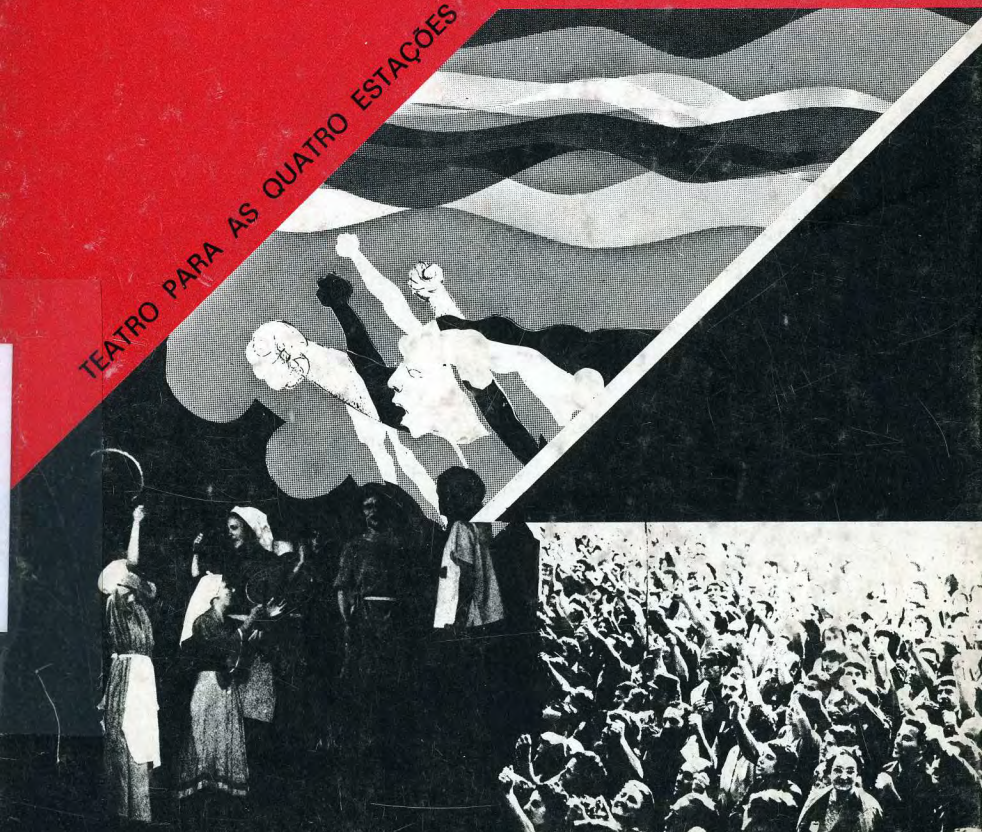
Jaime Gralheiro

ARRAIA-MIÚDA

Editorial Inova/Porto

TEATRO PARA AS QUATRO ESTAÇÕES



Jaime Gralheiro

ARRAIA-MIÚDA

BIBLIOTECA DA FAC. DE LETRAS
OSÓRIO MATEUS
UNIVERSIDADE

Editorial Inova/Porto

ARRAIA-MIÚDA

PERSONAGENS (por ordem de entrada e segundo a sua classe)

CORTE (Aristocracia)

D. Martinho, Arcebispo de Braga
Rei D. Fernando
Rainha D. Leonor de Teles
Conde de Andeiro
Bispo de Lisboa
Comendador da Ordem dos Templários
Nuno Álvares Pereira
Rui Pereira
Álvaro Peres
Fernando Afonso de Samora
e outros
Nobres cavaleiros, alto clero e damas.

MERCADORES (Burguesia nascente)

Mercador/agitador
Chanceler
Meirinho
Álvaro Pais
Dr. João das Regras
D. Juda
D. David Negro
e
Outros mercadores, letrados e legistas.

ARRAIA-MIÚDA (Povo)

Camponês
Mesteiral
Bonamis
Acompaniado
Camponês Traidor
«Amigo»
Clérigo
Pregoeiros
Afonso Anes Penedo
e
Outros pequenos mercadores, camponeses e mesteirais

NOTA: *É possível, e mesmo aconselhável, que um actor se desdobre por várias personagens.*

I ACTO

Entra um jogral que faz a apresentação. Esse jogral deve dar a entender, claramente, que «representa» o jogral medieval, mas não se confunde com ele. Faz o papel de...

JOGRAL 1: Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar.
Ouvi, agora, senhores,
Uma história de pasmar,
Uma história muito velha,
Uma história exemplar,
Uma história verdadeira
Onde há reis, senhores, infantes,
Bispos, frades... e a ordenar
O povo, a arraia-miúda,
Que é uma coisa de espantar!
Ouvi agora, senhores,
Uma história de pasmar,
Passada há seiscentos anos...
Oh quem na queira guardar!
Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar
E quem quiser saber novas
Tome já o seu lugar
Que o recado que trazemos
O havemos de levar
A todo o local onde haja

Um coração a pulsar.
Não podemos perder tempo
Que é tempo de o conquistar.
Lá vem a nau Catrineta
Que tem muito que contar!...

JOGRAL 2: Conforme foi anunciado já, o que ides ver passou-se entre 1370 a 1383. Há, exactamente, seiscentos anos!
Vamos supor... O teatro é isto mesmo: um faz de conta, a brincadeira séria das crianças-grandes. Vamos supor, dizia, que estávamos no tempo do Sr. Rei D. Fernando. *(Entra o rei. Esplendoroso! Enquanto se mostra e se passeia é posta, rapidamente, uma grande mesa com enormes travessas, pernas de carneiro, cântaros de vinho, etc.)* Ei-lo: homem de bom parecer: tal que lhe chamam «o fermoso»,
Infeliz na guerra e nos amores. *(Longo arroto de D. Fernando.)* Mas não perde o apetite. *(Senta-se agarra-se a uma perna de carneiro, que devora sofregadamente. Bebe. Come e bebe. Bebe e come.)*
Sua mulher, perdão, a rainha, sua esposa *(entra D. Leonor de Teles. Mais espampanante ainda que o rei. Vem acompanhada do conde Andeiro. Um certo toque de «vício». Notório.)* mais conhecida pela «berregã», que é como quem diz: a puta, majestaticamente vai-lhe pondo os cornos com o conde de Ourém, D. João Fernandes Andeiro. *(A rainha senta-se à mesa com o rei, mas de tal maneira que, enquanto o rei come, bebe e arrota, a rainha apalpa e é apalpada pelo conde. De vez em quando, o rei também recebe*

um beijo ou carícia para disfarçar). Dizia eu: D. João Fernandes Andeiro, homem de muita confiança do rei e... da rainha! *(Entretanto surge D. Martinho, bispo de Lisboa, abençoando tudo.)* Entretanto, o bispo de Lisboa... tudo abençoa... *(Senta-se à mesa também.)*

JOGRAL 1: Enquanto isto, a vida não parava...

JOGRAL 2: Junto do rei e da rainha...

JOGRAL 1: E da rainha...

JOGRAL 2: Uma corja de senhores, ricos-homens, condes, grão-mestres, abades, bispos e prelados. *(Entram e sentam-se à mesa com o rei.)* Comem, bebem, caçam, fornicam, fazem guerra... ou dizem missa!...

JOGRAL 1: Sustentando esta cambada, que nada produz, uma legião de pequenos camponeses, colonos, foreiros, malta das vinhas, cabreiros, de mesteirais, correeiros, alfaiates, sapateiros, calafates e pequenos mercadores; almocreves, bufarinheiros, todo um povo miúdo, desunhando-se, desde o nascer, muito antes do nascer, até ao pôr, muito depois do pôr, do Sol.
(Enquanto isto, deverão aparecer alguns figurantes representando a «arraia-miúda» e mimando, cada um, o esforço do seu trabalho. Noutro local da cena surge D. Martinho, arcebispo de Braga. Dominando tudo.)

ARCEBISPO DE BRAGA: Em nome do Padre e do Filho e do Espí-

rito Santo. *(Faz o sinal da cruz sobre os assistentes.)*

CORO DOS QUE ESTÃO À MESA: Amén... *(arrotam).*

ARCEBISPO DE BRAGA: Eu, Martinho, senhor da Mitra e Sé Primaz de Braga, para salvação das almas que nos estão confiadas e sustentação do culto a Deus Nosso Senhor Jesus Cristo e a Sua Mãe Maria Santíssima e a todos os Santos, hei por bem decretar:

a) — Todos os frutos da terra; toda a lã das ovelhas e laboração dos moinhos desta arquidiocese pagarão dízima a Deus, como senhor de todas as cousas criadas e por criar. Item

b) — Os mercadores de panos de cor pagarão 32 soldos por ano; os de buréis e sarjas 16 soldos: os ferreiros, alfaiates, sapateiros, carniceiros, carpinteiros, bufarinheiros, almocreves e taberneiros pagarão 6 soldos; as tecedeiras e padeiras pagarão 5 soldos. Item

c) — Por cada macho ou mula que respire o ar de Nosso Senhor Jesus Cristo, pagará o seu proprietário 10 soldos; e 5 por cada poldro e 2 por cada bezerro. Item

d) — Quem faz queijos e manteiga entrega a décima parte de dez em dez dias; mas se o leite das crias não chegar para queijos, então dar-se-á o leite todo ao arce-

bispo, excepto o indispensável para alimentar as crias...

CORO DOS QUE COMEM: Assim seja!

CORO DOS TRABALHADORES: A puta que o pariu!...

ARCEBISPO DE BRAGA: Item decreto que todos os habitantes deste burgo de Braga e seu termo deverão fazer o transporte duma carrada de madeira de carvalho e outra de palha de trigo até ao paço do arcebispo; deverão dar um dia de trabalho para sachar, redrar, levar à eira e malhar o trigo das searas do Senhor e de que o arcebispo é mero depositário neste mundo: «sic transit gloria mundi». (*Desaparece.*)

UM CAMPONÊS: O arcebispo de Braga é um comilão!

UM MESTEIRAL: O arcebispo de Braga é um ladrão!

OUTRO/A: O arcebispo de Braga é um explorador!

TODOS: Abaixo o arcebispo! Morra o arcebispo de Braga!

MERCADOR: (*Que, inesperadamente, surge no meio deles.*) Amigos, não basta gritar abaixo o arcebispo; não basta gritar morra o arcebispo! O bispo de Braga não cai, nem

morre, só porque o povo, no seu desespero, grita morte ao arcebispo!

De resto, se o arcebispo de Braga morrer, outro virá. Igual a ele, ou pior do que ele. E depois, nem só em Braga há arcebispo. E, depois, nem só os abades se sentam à mesa do rei. Vede: de mãos dadas com os pastores da Santa Madre Igreja, temos os cães e os lobos que nos devoram e perseguem. À mesa do rei só se senta quem come. Nós, os que trabalhamos, não temos lá lugar.

Como podeis, pois, supor que matando um bispo — o de Braga, ou o de Lisboa, o da Guarda, ou o de Lamego; — como podeis, pois, supor que matando um conde — o de Barcelos, ou o de Viana; — como podeis, pois, supor que esta roubalheira findará?

UM MESTEIRAL: Amigo mercador, tu que andas lá por Françaș e Araganças...

MERCADOR: Dizes bem, camarada, desde a Flandres, a Bruges, desde Londres a Génova, desde Ceuta a Aragão, nas rotas do mar do Norte e de além-mar, todo esse mundo, de barco, a pé, montado em camelos ou em longas récuas de cavalos e machos, eu conheço, como as minhas mãos gozando a vida, escapando à morte em mil dias e lugares... Eu vos digo, camaradas, conheço o mundo como as minhas mãos. Vi, com estes olhos, como, em outras partes, essa casta de inúteis, que cercam o rei, está a ser substituída por

gente de bem, homens de trabalho, homens bons, escolhidos pelo povo, livremente, para defender os interesses do povo.

UM CAMPONÊS: E que fizeram eles lá para se verem livres dos seus amos e senhores?

MERCADOR: Em cada lugar se fez coisa diferente, mas todas elas querendo a mesma coisa.
Na Suíça, os camponeses, perdidos no meio dos Alpes, uniram-se e, porque quiseram ser livres, derrotaram os poderosos exércitos dos senhores de Habsburgo.
Em Paris, o povo invadiu o «Palais Royal» e matou os principais conselheiros do rei. No Norte da França, os camponeses, que lá chamam de «jacques», levantaram-se contra os senhores, massacram quem se lhes opunha, e não pagaram os impostos que os nobres lhes exigiam.
Na Inglaterra, os aldeãos fizeram greve, atacaram os senhores e, agora, em cada bosque há um Robin justiceiro. Só aqui nos encolhemos. Basta que um conde levante a espada e logo fugimos, basta que um bispo fale em maldição e logo desistimos, mais pressurosos em ganhar o mundo que virá do que em defender este que já temos.

UM POPULAR: Acabai vosso discurso e dizei-nos que havemos de fazer. Somos gente de poucas palavras, porque só temos uma.

MERCADOR: A guerra, amigos!

TODOS: A guerra?!

MERCADOR: A guerra, sim, a guerra!

UM CAMPONÊS: Mais guerras, ainda, mercador? Depois de sustentarmos três que o nosso rei D. Fernando e os da sua camarilha inventaram contra Castela, para mais nos chuparem?

OUTRO CAMPONÊS: Para onde nos levaram os filhos e nós próprios fomos arrastados? Tudo ao serviço de el-rei!

UM MESTEIRAL: Um serviço d'el-rei que só dá lucro aos nobres e senhores. E a nós nos rouba as vidas, nos pilha os bens, nos arranca aos nossos trabalhos e às nossas terras!...

UM CAMPONÊS: Um serviço que não dispensa, no fim de cada ano, o pagamento da renda...

OUTRO/A: Da talha... e da miúnça...

OUTRO/A: Da finta... e do condado...

OUTRO/A: Do relego... e das ochavas...

MESTEIRAL: E todos os demais tributos, impostos e direitos banais, com que os senhores condes, el-rei e os bispos nos esmagam. Ali a contado, para não batermos com os ossos nas prisões ou nas galés, como escravos. A guerra, amigo mercador, só

interessa aos ricos-homens. Para nós só traz desgraças maiores.

MERCADOR: Ó gente de Vila do Conde, de Viana, Leça e Matosinhos; ó gente de Aveiro, Selir e Lourinhã, gente de Almada, Sines e Setúbal; ó pescadores do Algarve; ó gentes de Lisboa, Porto e de Coimbra; ó camponeses de Entre Douro e Minho; ovelheiros e cabreiros de Trás-os-Montes e das Beiras; ganhões, malta das vinhas e braceiros da Estremadura e Alentejo; ó povo do meu país, porque esperas?
Só a guerra nos salva. Não a guerra dos senhores, mas a nossa guerra. A guerra do Povo, da arraia-miúda, a guerra dos que nada têm a perder, contra aqueles que nos exploram, contra os senhores condes, bispos e abades.
Guerra total para que à mesa de el-rei se sentem os que produzem a riqueza que eles nos comem. Às armas, amigos! Arraial, arraial, por Portugal!...

TODOS: Arraial, arraial, por Portugal!
Arraial, arraial, por Portugal!
Arraial, arraial, por Portugal!

UM: Guerra aos exploradores!

OUTRO/A: Guerra aos comilões!

OUTRO/A: Morte aos condes!

OUTRO/A: Morte aos bispos!

TODOS: Arraial, arraial, por Portugal!
ARRAIAL, ARRAIAL, POR PORTUGAL!

(Entretanto, todos se armam com os seus instrumentos de trabalho, grande arruído popular. Surdamente como vindo dos confins da terra, compassadamente, crescendo, crescendo): À guerra! Arraial! arraial! por Portugal! À guerra! Arraial, arraial, por Portugal! À guerra!... *(Mudança. Na Corte. Aí chegam os ecos longínquos da revolta popular. O rei, os nobres e os clérigos suspendem a comesaina. Ouvido à escuta.)*

CONDE ANDEIRO: Senhor, sinto um arruído estranho...

REI: Não é nada, conde. Não é nada. É o vento passando na folhagem das árvores...

BISPO DE LISBOA: Parece-me ter ouvido um som de guerra...

REI: *(de um pulo)*
Guerra? Ah! ah! guerra!... Ora aí está, mais uma guerrinha para desentorpecer os músculos!...

CONDE ANDEIRO: Quem quer ir à guerra?

UM: *(levanta o dedo)*
Eu! primas...

OUTRO: *(mesma coisa)*
Eu! sigas...

OUTRO: *(idem)*
Eu! trigas...

TODOS: EU! EU! EU! EU!

(Respondem como se tratasse de um jogo infantil)

REI: Vamos escolher!

CONDE ANDEIRO: Vamos escolher!
(O rei e o conde separam-se; põem os pés uns à frente dos outros para se saber quem começa a formar equipa. Começa o conde.)

CONDE ANDEIRO: Ganhei! Começo eu! Começo eu!...

REI: És um tipo cheio de sorte, conde! Estás sempre à minha frente. Qualquer dia começo a desconfiar...

CONDE ANDEIRO: Senhor, isso nunca! Se no vosso espírito se começa a formar a nuvenzinha da desconfiança, cedo-vos já o meu lugar de primeiro, que a mim bem me chega o de segundo.

RAINHA: Conde, não provoqueis a ira do senhor!

CONDE ANDEIRO: Majestade, quem sou eu para ter a honra de irar o meu rei?!

REI: *(dá uma sonora gargalhada)*
Boa, conde! Bem metida! É assim mesmo! A rainha julga que percebe alguma coisa disto e não percebe nada...

RAINHA: Senhor, sei apenas o que me ensinastes...

REI: Ora! Ora!... conversas... A rainha não sabe que eu sei perder. «Fair play», amigos, «fair play»! A gente aprende muito com a aliança inglesa. Começa, conde.

CONDE ANDEIRO: D. Álvaro Peres. *(Vai para o lado do rei)*

REI: D. Martinho, bispo de Lisboa. *(Vai para o lado do rei)*

CONDE ANDEIRO: D. Fernando Afonso de Samora. *(Idem)*

REI: D. Abade de S.ta Cruz de Coimbra. *(Idem)*

CONDE ANDEIRO: D. Prior, Mestre dos Templários. *(Idem)*

REI: D. João Telo. *(Idem)*

CONDE ANDEIRO: D. Vasco Peres de Camões. *(Idem)*

REI: Conde de Alenquer. *(Idem)*

(A escolha continua, conforme as necessidades cénicas. Nomes que se podem citar: Lopo Gomes de Lira; Aires Gomes; Aires Gomes da Silva; Egas Brandão; Garcia Brandão; Henrique Manuel; Gonçalo Vasques Coutinho; Martim Vasques da Cunha; etc.).

REI: Prontos? Formar!

CONDE ANDEIRO: Formar!

(Cada um toma o seu cavalo, elmo, bacinete, lança, espada, etc.. as damas e demais cavaleiros tomam os seus lugares nas bancadas e tribunas. Ambiente de festa. Bandeiras, colgaduras, etc. Deve criar-se um ambiente que sugira. ao mesmo tempo, um desafio de futebol, uma corrida de automóveis e uma corrida de toiros. De um lado uma equipa, do outro a outra. A meio da banca a rainha tem na mão um grande lenço axadrezado. Toque de corneta. A rainha apita como um árbitro e faz o sinal de partida com o lenço. Começa o torneio. Em som «Off» barulho de motores de alta compressão, arrancando. Misturado com ruido próprio do estádio recebendo a sua equipa e olés. Estes ruidos devem acompanhar todo o torneio. Os cavaleiros vão-se derrubando uns aos outros. Quando isso, som de: «golo»! «olés», etc. Às vezes um ou outro morre mesmo. Som: chiar de pneus, estampido, sirene, maqueiros... e a corrida continua... Finalmente o «jogo» termina. O conde Andeiro ganha. Como prémio tem um beijo da rainha. Toda a gente bate palmas. O conde dirige-se à rainha que o espera. Os demais cavaleiros dirigem-se a outras «donas» e «donzelas». Todos se beijam. Um certo ambiente de bacanal. Toda a gente colabora.)

REI: É o que eu digo: este conde tem cá uma sorte!

RAINHA: «Fair play», Fernando, «fair play»!